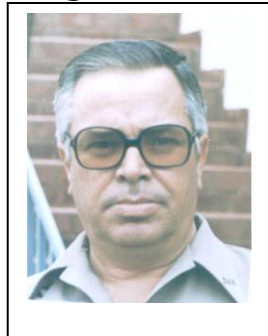


## **ARTHUR FERREIRA FILHO, CASTILHISMO E O POSITIVISMO NAS FORÇAS ARMADAS, CONSIDERAÇÕES EM CARTA AO AUTOR EM 1979.**



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987.**

**CARTA AO AUTOR. DIGITALIZADA , PARA DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB [WWW.AHIMTB.ORG.BR](http://WWW.AHIMTB.ORG.BR) , EM LIVROS E PLAQUETAS E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A AMAN EM BOLETIM ESPECIAL Nº002 DE 17 DE NOVEMBRO DE 2014 PARA SER INTEGRADO AO PROGRAMA PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO.**

Porto Alegre, 9 de Agosto de 1979

Meu caro Cel. Bento

So hoje posso responder sus excelente carta de 14 de julho. É que no dia 2 daquele mês fui acometido por uma enfermidade, que so agora me permite retornar as atividades normais.. Agradeço as generosas referencias a meu trabalho "Julio de Castilhos e o Positivismo", depreendendo de suas expressões que o meu culto a migo e confrade apanhou, com muita precisão;o pensamento politico do Castilhismo.

Quanto a atitude de alguns positivistas ortodoxos, face a guerra do Paraguai e o pacifismo pregado por Augusto . Comte, deve ser entendido como conduta pessoal e nunca por imposição da doutrina positivista.O Positivismo adota o pacifismo como um nobre ideal da Humanidade e em termos relativos, sabendo que esse ideal nao pode ser alcançado por uma ou por algumas nações apenas, dentro de um mundo belicoso.Creio que nenhum positivista desejaria desarmar as nações pacíficas,deixando-as expostas à senha carniceira desses Hitleres e Stalines que a cada geração, se renovam, conservando, porem a mesma ferocidade e o mesmo espirito de conquista,

A guerra do Paraguai foi provocada pela megalomania de Solano Lopez. Parece que isso não comporta qyalquer discussão séria. Sobre a ideia da devolução reciproca de trofeus de guerra, visando con consolidar a paz entre Brasil e Paraguai, excerto que não só os positivistas têm se manifestado a favor, mas também muitos não positivistas. Como, por exemplo, o Presidente Emilio Medici, o que esta na memória de todos.

As pessoas que assim pensam, fundam-se no princípio de que a guerra não foi contra a nação paraguaia, mas contra a agressão criminosa de Lopez. Voltando a Julio de Castilhos, não sera demais repetir que ele foi sempre um dedicado amigo do Exercito. Seu jornal "A Federação durante a chamada Questão Militar,abriu oolunas em favor dos militares punidos pelo governo monárquico,tendo apoiado vivamente Deodoro, quando o futuro proclamador da Republica exerceu a presidência da então, província do R.G.do Sul».

Ilustres militares exerceram mandatos políticos no partido castilhis— ta, podendo-se citar, entre muitos outros, os senadores marechais Julio Frota e Hermes Rodrigues da Fonseca e generais João Vespucio de A breu e Luiz Soares dos Santos, os deputados generais,ou que vieram al cançar esse posto, Vespasiano de Albuquerque,; A.A. da Fontoura Mena Barreto Setembrino de Carvalho, posteriormente: ministros da Guerra, M.T. Barreto Viana, Hipólito Ribeiro, Francisco Rodrigues Lima, José Carlos Pinto, e oficiais outros de diversas patentes,como Tomáz Flores, J.T. dos Santos Filho, Jose Gonçalves de Almeida, Antônio Adolfo de Alencar Fabio BarretoLeite, Juvenal Miller, Waldomiro Lima, João Simplício de Carvalho,, Antônio ÇhachaÇereira,. Francisco de Paula Alencastro, João Jose Pereira Parobé: e Otávio Rocha.

Na eleição do 1º presidente da Republica, pelo Congresso Nacional, em 1891, Castilhos bateu-se pela vitoria de Deodoro sobre Prudente de Moraes, e reside ai o primeiro desentendimento com seu cunhado Assis Brasil, que recusava a candidatura do Marechal. Não creio que o pacifismo positivista e, menos ainda, o presidencialismo forte de Castilhos possam ocasionar qualquer incompatibilidade com as Forças Armadas. É grande o

numero de militares adeptos do Positivismo, entre eles, figuras exponenciais de sua classe, como o inesquecível Mestre Benjamin Constant, cujo nome é mantido no Almanaque Militar, o ínclito Marechal Rondon, legítima gloria nacional, o General Jose Bevilacqua, o General Manoel Rabelo e inúmeros outros. Na Marinha o Positivismo sempre teve adeptos. O fundador do Clube Positivista de Porto Alegre, foi um almirante, vindo do Rio de Janeiro..

Foi nos exemplos de Castilhos e nos conselhos de meu Pai, ex-aluno de Benjamin Constant, que aprendi a amar o nosso glorioso Exército, amor que espero conservar até o fim de meus dias. Não conheço a obra que o prezado amigo e confrade se refere, sobre o famoso tribuno do do Império Gaspar Silveira Martins.- De sua atuação como chefe civil da Revolução de 1893, não se pode inferir qualquer conhecimento da Arte da Guerra . Entretanto, como era homem de robusta inteligência e memória excepcional, pode ser que tenha assimilada leituras sobre o assunto”.

Suas relações com o Duque de Caxias, seu colega no Senado, não eram boas, e, ultimamente, havia rompido com Osorio, de quem fora amigo e companheiro de partido..

Não- sei ate onde se poderia levar a serio o boato, de que o grande Tribuno era um dos chefes políticos do Partido Liberal que planejavam armar a Guarda Nacional, para enfraquecer o Exército.

Como quer que seja. Silveira Martins foi um dos vultos mais eminentes da politica no regime Monárquico, tendo prestado como deputado e senador, serviços relevantes.. Inimigo pessoal de Deodoro sofreu, com a queda do Império, um golpe tremendo.. Quando, após a renúncia do Proclamador, regressou de um breve exílio na Europa, teve prejudicada sua participação na politica republicana por discordar de presidencialismo radical de Floriano Peixoto e de Júlio de Castilhos.

Resta-me uma palavra sobre sua referência à Revolução de 64. O eminente Castelo Branco talvez tenha sofrido influencia positivista, através de seus professores, no curso militar. O certo é que ele no governo se conduziu como se fosse um castilhista autêntico..

**Abraços do amigo agradecido**

**ARTHUR FERREIRA FILHO**

**Nota do autor em 2017: Arthur Ferreira Filho é patronos de Cadeira Especial da FAHIMTB cujo 1º titular foi Mário Gardelin , 2º titular D Francisco Euclides Aranha e o 3º e atual o Dr Amadeu Weinmann,**

**Coube a o ilustre amigo prefaciara Album de nossa autoria patrocinado GBOEx A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DE SEUS FORTES.(hoje esgotado e obra rara)e nosso livro premiado pelo Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul, Porto Alegre IEL, 1975 que a seguir transcrevo como homenagem ao prefaciador por seu poderoso estímulo a um jovem historiador há 42 anos passados, esperando não tenha decepcionado suas expectativas. Arthur Ferreira Filho foi meu mestre em Doutrina Militar da Revolução de 1923 e com ele conheci as atividades de meu avô**



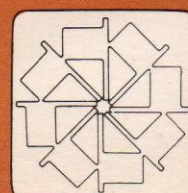
**Genes Gentil Bento paterno como Chefe de Policia do Rio Grande do Sul, secretário de Governo de Borges de Medeiros e organizador da defesa de Porto Alegre na Revolução de 1923**



**ESTRANGEIROS E DESCENDENTES  
NA HISTÓRIA MILITAR DO  
RIO GRANDE DO SUL - 1635 a 1870**

**CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**A NAÇÃO/DAC/SEC-RS**





## PREFACIO

O Coronel Cláudio Moreira Bento, gaúcho de Canguçu, brilhante oficial de Engenharia, vem se destacando, entre os historiadores da nova geração, de modo tão ascendente, que fácil lhe será prever, em futuro próximo, um lugar ao lado dos maiores, como Tasso Fragoso, J. B. Magalhães, Paula Cidade, Souza Doca, Rinaldo Câmara, Riograndino da Costa e Silva.

Quando Major, pertenceu à Comissão de História do Exército do, Estado Maior do Exército tendo, por vezes, exercido sua presidência.

Seus trabalhos, que se contam já por algumas dezenas, entre volumes, artigos publicados em jornais e revistas e conferências, dão testemunho de um pesquisador de aguda visão e infatigável atividade. Na elaboração dessa grande obra, no gênero, que é a "História do Exército Brasileiro", Cláudio Bento foi um de seus mais eficientes pesquisadores, planejadores e redatores.

O presente ensaio sobre Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul é o mais completo até hoje publicado.

O trabalho divide-se em três partes: a primeira dedica-se aos alemães e seus descendentes; a segunda, a diversas outras nacionalidades: austríacos, dinamarqueses, franceses, ingleses, italianos, norte-americanos, suíços e suecos; a terceira ocupa-se dos africanos e seus descendentes.

Inicia o livro demonstrando que, em consequência do malfadado Tratado de Tordesilhas, o território que constitui o Estado do Rio Grande do Sul tornou-se um palco de porfiadas lutas entre lusos e espanhóis, a partir de 1635, quando a Bandeira de Raposo Tavares desceu para o Sul, em "missão nitidamente militar", para expulsar os jesuítas que aqui penetraram a serviço do Rei da Espanha, e arrasaram as reduções guaraníticas, sujeitas ao domínio castelhano, que, transpondo o rio Uruguai, já ocupavam uma grande área de sua margem esquerda, ameaçando estender-se até o mar.

E acentua, com muita propriedade, que esse evento foi o marco inicial das lutas externas intermitentes que se prolongaram até 1870, que fizeram do Rio Grande do Sul uma região militarizada de maneira a imprimir à sua história, até 1932, uma feição predominantemente militar.

O gaúcho foi durante século e meio um soldado nato, talvez o melhor cavalarião da América.

Foi o que não escapou ao espírito lúcido e à experiência do Duque de Caxias, o maior dos nossos generais e um dos mais eminentes dos nossos

políticos. Da tribuna do Senado do Império, esse grande brasileiro, depois de exaltar o valor militar da Guarda Nacional da Província, faz esta revelação, que vale pelo mais autorizado testemunho, sobre a vocação militar do gaúcho:

"No Rio Grande do Sul nenhuma honras se estimam tanto como os distintivos militares; qualquer outra remuneração pouco efeito produz; por conseguinte, os postos de oficiais honorários satisfarão muito a esses beneméritos, sem que tragam os inconvenientes que se receiam".

Caxias, o chefe incomparável, sabia que os gaúchos, mesmo os raros, que, acaso, alimentassem pendores caudilhescos, jamais se rebelariam por ambição de poder pessoal, nem nunca se associariam aos inimigos da Pátria.

E tão forte e contagiante foi essa vocação do gaúcho pelas lides militares, que se estendem ao ânimo de estrangeiros e seus descendentes, aqui vindos para as atividades pacíficas da agricultura, da indústria e do comércio, tal como aconteceu na Guerra do Paraguai.

É isto o que esta obra demonstra, exaustiva e metodicamente.

Na primeira parte, tratando de alemães e descendentes, relaciona, caracterizando-os a todos, por suas qualidades e serviços prestados, desde o tenente-general João Henrique Bohn, o grande discípulo do Conde de Lippe, que comandou o exército luso-brasileiro na restauração do Rio Grande, até os teuto-brasileiros, onde são figuras de grande porte o coronel da GN João Niderauer Sobrinho e o Marechal Bernardino Bormann, heróis da guerra contra Solano Lopes, entre mais de uma centena de nomes, acrescidos de dados biográficos e desenvolvidas informações sobre a atuação que tiveram.

Seguem-se os franceses, como o marechal Pedro Labatut, antigo oficial de Napoleão, que teve destacado papel nas lutas da Independência, participando, mais tarde, da luta contra os farroupilhas, onde, não obstante o revés sofrido, confirmou suas qualidades de hábil chefe militar; o marechal Emílio Mallet, herói da Guerra do Paraguai e seus filhos, um dos quais, o Marechal João Nepomuceno, veio a ser Ministro da Guerra, reestruturador do Estado Maior o Exército e também o primeiro filho de imigrante a alcançar essa elevada posição; o guarda-marinha José de Paiva Magalhães Calvet e muitos outros.

Ingleses, o tenente -general João Frederico Caldwell, que comandou as Armas da Província, o almirante João Greenfeld, que atuou ativamente contra a Revolução Farroupilha, e o coronel Francisco Roscio, governador

da Capitania, autor de interessante trabalho descritivo, **Compêndio Noticioso do Continente de São Pedro**, que constitui uma das melhores fontes primárias da nossa história; o capitão José Garibaldi, figura destinada à fama internacional, e seus companheiros de glórias na Revolução Farroupilha; o norte-americano John Griggs, comandante do navio Seivál, no ataque à Laguna; o sueco marechal de Campo Jacques Diogo Funck e o suíço brigadeiro Carlos Resin e seu filho, nascido no Brasil, o marechal de campo do mesmo nome.

O Autor inclui, muito acertadamente, os negros entre os descendentes estrangeiros. E foram muitos os filhos da sacrificada raça de Cam a contribuírem com seu sangue, sua bravura, sua lealdade, nas lutas do extremo Sul da Pátria brasileira.

Aqui, nestas páginas era que se registram os feitos maiores da nossa história militar, empresta-se especial e justo relevo ao famoso 1º Corpo de Lanceiros Negros, do Coronel Joaquim Teixeira Nunes, cuja atuação nas forças farroupilhas esteve acima de qualquer elogio.

Espero sirva esta breve exposição para dar uma idéia do valor histórico do livro do cel. Cláudio Moreira Bento, trabalho alicerçado numa pesquisa profunda, que esgota praticamente o assunto, só deixando de lado minúcias e aspectos irrelevantes, sem interesse real para a elucidação histórica.

**Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** é uma obra cuja utilidade para os estudiosos em geral ressalta à primeira vista. É um livro honesto, destinado a impor-se, como obra de consulta, entre os mais valiosos de nossa historiografia.

Com ele se credenciam ao reconhecimento das letras históricas rio-grandenses, o autor, por escrevê-lo e o Instituto Estadual do Livro, ao editá-lo.

**ARTHUR FERREIRA FILHO**